

22 SET 1988

Um continente em dificuldades: a dívida externa dos latinos

GAZETA MERCANTIL

Peter Truell (*)

no The Wall Street Journal

Pedro-Pablo Kuczynski é um ex-ministro peruano. Além disso, trabalhou para o Banco Mundial e agora é executivo-chefe da subsidiária internacional da First Boston Corp. Ele também foi um tomador e financiador de empréstimos e um conselheiro dos devedores e credores da América Latina.

Kuczynski visualizou as economias latino-americanas a partir de todos os pontos de vista e no seu livro "A dívida latino-americana" (de Twentieth Century Fund/Johns Hopkins University Press, 258 páginas, edição de luxo a US\$ 32,50 e comum a US\$ 12,95) ele explica que o paciente está bastante doente. A maioria das economias ao sul da fronteira dos Estados Unidos quase não cresceu nada nos últimos seis anos, enquanto suas populações e mão-de-obra aumentaram cerca de 30 milhões de pessoas. Em geral, a renda e os serviços declinaram: em 1985, o México só conseguiu gastar US\$ 174,00 para cada criança em idade escolar, em comparação com US\$ 840,00 por aluno na Espanha. A estagnação da região também causou prejuízos aos Estados Unidos. O recolhimento econômico da América Latina desde 1982 provavelmente custou aos agricultores e fornecedores norte-americanos — especialmente os de bens de capital — cerca de US\$ 75 bilhões em perda de exportações, estima Kuczynski. Os grandes bancos nos Estados Unidos, no Canadá, na Inglaterra e em outros países industrializados registraram em conjunto dezenas de bilhões de dólares de prejuízos em 1987, quando fizeram provisões consideráveis para cobrir os empréstimos aos tomadores latino-americanos, de recuperação duvidosa.

Em algumas maneiras, a situação está piorando e, como argumenta convincentemente Kuczynski, existe a crescente necessidade de novas iniciativas e de reformas tanto dos devedores quanto dos credores. A dívida cresceu, as receitas de exportação con-

tinuam restringidas pelos baixos preços das commodities e as taxas de juro internacionais estão subindo.

A maior parte do livro de Kuczynski é entregue a uma exposição clara e exaustiva, embora seca, de como a América Latina e seus credores se atolaram em centenas de milhões de dólares de dívida e como o mundo enfrentou a situação desde que o continente praticamente foi declarado insolvente em 1982 e 1983.

É uma história triste. Os maciços empréstimos da década de 70 foram baseados em expansão econômica moderada e taxas de juro internacionais reduzidas. Mas os primeiros anos da década de 80 registraram o mais agudo declínio econômico mundial do período pós-guerra, taxas de juro muito mais elevadas e a interrupção dos financiamentos bancários. Os preços das commodities

despencaram e os devedores, como descreve expressivamente Kuczynski, foram "surpreendidos entre as duas lâminas de tesoura financeira: receita de exportação em declínio e obrigações de pagamento de dívida no exterior rapidamente crescentes".

A profligação, ineficiência e corrupção dos governos e dos órgãos estatais latino-americanos que contrairam uma parte tão grande da dívida também são figuras centrais na história. Existem complexos siderúrgicos mexicanos em que os custos de produção são duas vezes maiores do que na Coreia do Sul; sistemas de irrigação peruanos incompletos que serão os projetos de irrigação mais caros do mundo se algum dia forem concluídos; e projetos nucleares brasileiros que excederam em bilhões de dólares os custos orçados.

Os 25% finais do livro, dedicados a possíveis paliativos para o problema de dívida, são em muitas maneiras a parte mais interessante.

Kuczynski recomenda "um programa abrangente para cada país, compreendendo reforma de política econômica interna, novos ingressos de capital privado e governamental, reestruturação de dívidas externas para minimizar o possível impacto de futuros aumentos de taxas de juro e, em um número de casos, formas de redução de taxas de juro inspiradas no mercado".

Muitos devedores e credores concordam com essa lista sensata, mas tiveram grandes dificuldades em implementar e cumprir essas metas. A estratégia do ex-secretário do Tesouro James Baker para administrar o problema de dívida internacional anunciada

em 1985 está, em termos gerais, de acordo com essa recomendação. O chamado Plano Baker fixa metas para quinze países muito endividados, que em troca implementariam reformas econômicas para expandir as exportações e aumentar a concorrência.

Mas como diz Kuczynski, o Plano Baker ficou aquém de suas metas, especialmente na recondução do fluxo de capital de volta aos países devedores. Como convencer as pessoas a iniciar financiamentos e investir novamente quando os cidadãos dos próprios países devedores remeteram até US\$ 100 bilhões de seu próprio dinheiro para o exterior? Como persuadir as pessoas a trazer esse dinheiro de volta?

Algumas passagens de "A dívida latino-americana" serão leitura desagradável mas salutar para os que dirigem os maiores

bancos do mundo, muitos dos quais ainda estão com problemas devido aos enormes empréstimos latino-americanos. Como adverte Kuczynski, "uma elevação das taxas de juro, induzida pelo colapso de taxas cambiais entre as moedas-chave da economia internacional, poderia em si precipitar a inadimplência tanto do México quanto do Brasil".

O livro de Kuczynski é um resumo útil para homens de negócios, banqueiros, economistas, autoridades governamentais, estudantes universitários e outros observadores da região, mas talvez seja demasiadamente detalhado e acadêmico para o leitor em geral.

(*) Jornalista norte-americano; cobre o sistema bancário internacional para o The Wall Street Journal, em Nova York.